

Bruna Fontes Ferraz • Claudia Maia • Roniere Menezes
(orgs.)

REINVENÇÕES DA MODERNIDADE

arte e literatura no Brasil



REINVENÇÕES DA MODERNIDADE:
ARTE E LITERATURA NO BRASIL

*Reinvenções da modernidade:
arte e literatura no Brasil*

*Bruna Ferraz
Claudia Maia
Roniere Menezes
(orgs.)*



© Moinhos, 2020.

EDIÇÃO: Camila Araujo & Nathan Matos

ASSISTENTE EDITORIAL: Sérgio Ricardo

REVISÃO: LiteraturaBr

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO: LiteraturaBr Editorial

CAPA: Sérgio Ricardo

CONSELHO EDITORIAL

Ana Elisa Ferreira Ribeiro (CEFET-MG)

Ana Lúcia Machado de Oliveira (UERJ)

Gustavo Castro (UnB)

Luis Quintais (UC/Portugal)

Marcus Vinicius Nogueira Soares (UERJ)

Marie-Hélène Catherine Torres (UFSC)

Orlando Luiz de Araújo (UFC)

Pedro Eiras (FLUP/ILC-ML/Portugal)

Pedro Fernandes (UFRN)

Nesta edição, respeitou-se o *Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*.

Esta publicação foi realizada com o apoio financeiro da Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitário do CEFET-MG (DEDC/CEFET-MG).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

R374 Reinvenções da modernidade: arte e literatura no Brasil / Alexandre Nodari ... [et al.];
organizado por Bruna Ferraz, Claudia Maia, Roniere Menezes. - Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2020.
200 p. ; 15,5cm x 22,5cm.
ISBN: 978-65-990590-6-3

1. Arte. 2. Literatura. 3. Modernidade. 4. Brasil. 5. Ensaios. I. Nodari, Alexandre. II. Aguiar, Ana Lígia Leite e. III. Souza, Eneida Maria de. IV. Figueiredo, Eurídice. V. Mourthé, Fabíola Guimarães Pedras. VI. Xavier, Joelma. VII. Amaral, Maria Carolina de Almeida. VIII. Pereira, Maria do Rosário A. IX. Maciel, Maria Esther. X. Cardoso, Marília Rother. XI. Lima, Rachel Esteves. XII. Marques, Reinaldo. XIII. Menezes, Roniere. XIV. Sedlmayer, Sabrina. XV. Ferraz, Bruna. XVI. Maia, Claudia. XVII. Título.

2020-454

CDD 709

CDU 7.01

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Arte : Literatura 709

2. Arte : Literatura 7.01

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos

editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

Sumário

| | |
|--|-----|
| APRESENTAÇÃO | 7 |
| ARQUIVO, MÚSICA E POLÍTICA | |
| CONVERSA DE COMPADRES <i>Eneida Maria de Souza</i> | 15 |
| A MÚSICA, O ESPAÇO COMUM E OS LIMITES DA INVENÇÃO EM MÁRIO DE ANDRADE <i>Roniere Menezes</i> | 27 |
| A ATUAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADE COMO CRÍTICO LITERÁRIO EM SUA EPISTOLOGRAFIA <i>Maria do Rosário A. Pereira</i> | 41 |
| AUTOBIOGRAFIA DE PAGU: SEXUALIDADE E MILITÂNCIA COMUNISTA <i>Eurídice Figueiredo</i> | 57 |
| O ARQUIVO AUTRAN DOURADO <i>Reinaldo Marques</i> | 69 |
| ANTROPOFAGIA E PERSPECTIVISMO | |
| ANTROPOFAGIA E PERSPECTIVISMO: NÓS, QUEM, TUPY OR NOT TUPY? <i>Alexandre Nodari</i> <i>Maria Carolina de Almeida Amaral</i> | 85 |
| ANTROPOFAGIAS: UM ENFOQUE SOBRE PROCESSOS INTERARTÍSTICOS <i>Joelma Xavier</i> | 125 |
| ANTROPOFAGIAS CONTEMPORÂNEAS: MODOS DE USAR <i>Ana Lúcia Leite e Aguiar</i> | 111 |
| RAUL BOPP: O DESEJO DE OUVIR A VOZ DOS NEGROS <i>Fabiola Guimarães Pedras Mourthé</i> | 125 |

VARIAÇÕES SOBRE O “ACÉFALO” EM ESCRITAS VERBAIS E PLÁSTICAS 137
Marília Rothier Cardoso

A ZOOPOÉTICA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE 149
Maria Esther Maciel

FILIAÇÃO E ABANDONO

**“OS MODERNISMOS NÃO PODIAM MESMO DURAR”: UMA LEITURA DE O FILHO
DA MÃE, DE BERNARDO CARVALHO** 167
Rachel Esteves Lima

**RADUAN NASSAR,
UM LÍRICO NO AUGE DO MODERNISMO** 179
Sabrina Sedlmayer

Apresentação

Este livro, intitulado *Reinvenções da modernidade: arte e literatura no Brasil*, é fruto de dez anos de existência do Núcleo de Estudos ATLAS: Análises Transdisciplinares em Literatura, Arte e Sociedade. O Núcleo foi registrado no CNPq em 2013, mas já realizava encontros com discussões sobre literatura e outras áreas do conhecimento desde 2010. Para participar do livro, foram convidados todos os professores que realizaram palestras nas quatro versões das jornadas. Pedimos aos autores que participaram dos três primeiros eventos que nos enviassem algum ensaio relativo a estudos contemporâneos sobre o legado do modernismo, texto apresentado na jornada ou não. Os ensaios apresentados na quarta jornada já foram todos escritos dentro da proposta do livro. Compõe também o livro o ensaio de Fabíola Guimarães Mourthé, professora do CEFET e pesquisadora do ATLAS. Ela não fez palestra em edições da jornada, mas em encontro do Núcleo ATLAS. São abordadas, no livro, temáticas como correspondência, arquivo, música, espaço comum, política, sexualidade, antropofagia, perspectivismo, zoopoética, imagens acéfalas, filiação e abandono literários, tudo envolvido pelo olhar crítico do campo artístico-literário. O livro traz ricas reflexões e abre caminhos em relação às efemérides relativas ao Centenário da Semana de Arte Moderna que ocorrerá em 2022. Estão reunidos, no trabalho, importantes pesquisadores de diversas instituições de ensino do país. O conjunto dos textos aqui presentes, inclusive pelos diálogos que estabelecem entre si, revelam novos olhares em relação ao projeto artístico-literário moderno brasileiro.

O ensaio “Conversa de compadres”, de Eneida Maria de Souza, investiga traços da correspondência estabelecida entre Mário de Andrade e Luiz da Câmara Cascudo, de 1924 a 1944, e organizada em livro, em 2010, por Marcos Antonio de Moraes. As cartas marcam-se não pelo debate sobre criação literária, mas sobre a questão folclórica e popular. A partir dos anos 1930, Mário torna-se mais preocupado com a organização das pesquisas folclóricas no país. Nesse sentido, sugere ao amigo repensar suas práticas de pesquisador, sair da rede aristocrática e ir em busca da arte popular. Para Mário, o material presente em livro seria destituído de valor se não fosse cotejado com as fontes folclóricas. Ao final do texto, Eneida aproxima reflexões sobre os autores de debates contemporâneos relativos aos conceitos de povo e populismo.

Em “A música, o espaço comum e os limites da invenção em Mário de Andrade”, Roniere Menezes analisa o projeto musical empreendido pelo escritor modernista, além de avaliar livros e artigos sobre o tema. O ensaio investiga aspectos relativos à questão do comum, da comunidade e da comunicação presentes em textos mariodeandradianos. Segundo o pesquisador, para Mário de Andrade, o artista deveria se aproximar do homem comum, valorizando os saberes e fazeres populares, não reivindicando uma posição individualista, colocando-se, desse modo, em prol da comunidade, da dimensão coletiva da arte. Menezes percebe nas propostas de Mário a intenção de associar uma linguagem inovadora à comunicação, ou seja, para o autor de *Macunaíma*, a arte é sempre um instrumento de comunicação entre os homens, que permite o diálogo, a contaminação e a transgressão entre os diversos domínios artísticos.

Maria do Rosário Alves Pereira, em “A atuação de Mário de Andrade como crítico literário em sua epistolografia”, a partir da análise da correspondência do escritor paulista com os escritores mineiros, sobretudo com Fernando Sabino, argumenta sobre a importância da carta como registro histórico no Modernismo brasileiro e, no caso de Mário, como *locus* para o exercício da crítica literária e, conseqüentemente, para a formação literária e artística de seus correspondentes. Nesse sentido, a correspondência do escritor, quando tece comentários críticos sobre o contexto político e cultural do Brasil e do mundo, excede os limites do privado e ganha a instância pública. A partir das discussões apresentadas por Flora Süssekind, João Luiz Lafetá, Eneida Maria de Souza, Jacques Derrida e Silviano Santiago, a pesquisadora acaba por ressaltar a importância do nome de Mário de Andrade para a crítica literária brasileira.

Em “Autobiografia de Pagu: sexualidade e militância comunista”, Eurídice Figueiredo analisa a autobiografia de Patrícia Galvão a partir de dois eixos temáticos: o da sexualidade e o da militância comunista. Para a professora, a irreverência de Pagu, que usou o sexo e sua sexualidade para expressar sua revolta contra a moral vigente, reflete a busca da escritora de *Parque industrial* pelo autoaniquilamento. Figueiredo observa, ainda, que a beleza inebriante de Pagu, que atraía os olhares lascivos masculinos, foi usada também pelos militantes do Partido Comunista Brasileiro, e, embora isso lhe causasse repugnância, ela não deixava de executar sua missão.

Em “O arquivo Autran Dourado”, Reinaldo Martiniano Marques escreve sobre o arquivo do escritor, falecido em 2012, que passou a incorporar os

fundos do Acervo dos Escritores Mineiros da UFMG em 2017. Como em um conto ficcional, o pesquisador inicia seu texto com memórias pessoais relativas a um primeiro contato estabelecido com o prosador, em 1984, quando concluíra seu mestrado sobre *Os sinos da Agonia*. Trinta e três anos depois, o ensaísta retorna à casa do escritor no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, para acompanhar o traslado do arquivo do escritor para o Acervo de Escritores Mineiros, localizado no Campus da UFMG, na região da Pampulha, em Belo Horizonte. A partir daí, o texto se expande e Reinaldo mescla memórias, denso repertório crítico-teórico e grande experiência na área arquivística. O ensaio abre caminhos para demonstrar que o arquivo de Autran Dourado, sob a guarda do Acervo de Escritores Mineiros, revela-se importante espaço aberto a novas pesquisas acadêmicas.

“Nós, quem, tupy or not tupy?”, de Alexandre Nodari e Maria Carolina de Almeida Amaral, retoma o Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade, estabelecendo leitura a contrapelo das mais conhecidas análises relativas ao texto oswaldiano. Segundo os autores, “a fortuna crítica sobre a Antropofagia preferiu destacar os aportes das vanguardas europeias a se debruçar sobre as inflexões que Oswald produziu nestas ao sobrepô-las a referências (temas, figuras, práticas, cosmologias) indígenas”. O ensaio ressalta que as análises que obliteram os elementos indígenas do Manifesto relacionam-se ainda a uma visão nacionalista e identitária, mais presentes no *Manifesto da Poesia Pau Brasil*. No desenvolvimento do texto, os autores perguntam e fazem sugestões sobre de quem é a voz enunciativa no Manifesto. As elaborações analíticas dos autores, dotadas de vasto repertório crítico-teórico e ampla leitura sobre a obra oswaldiana apontam novas e instigantes leituras sobre a criação do autor. O texto ainda trata da questão materna – indígena e oswaldiana – e apresenta conexões entre as ideias do poeta e a crise ambiental contemporânea.

Joelma Xavier, em “Antropofagias: um enfoque sobre processos interartísticos”, toma o conceito oswaldiano como base de orientação teórica. Ao reconhecer o desafio de discutir as condições de assimilação do outro no mundo contemporâneo, a pesquisadora acena para uma perspectiva renovada do conceito de antropofagia, que implica, pela apropriação criativa, na interação entre diferentes domínios artísticos. Xavier enfatiza, ainda, que a devoração cultural é prática comum entre as sociedades não-hegemônicas, constituindo-se, portanto, como um gesto de resistência.

Ana Lúcia Leite e Aguiar, em “Antropofagias contemporâneas: modos de usar”, apresenta um convite à reflexão sobre o tempo presente e a arte do presente. Valendo-se do pensamento de Pierre Clastres, André Vallias, Oswald de Andrade, Homi Bhabha, Glauber Rocha, Randolpho Lamonier, Vladimir Safatle, Viveiros de Castro, Chantal Mouffe, bell hooks, Allan Siber, e também dos filmes *Capitão fantástico* (Matt Ross, 2016) e *Bacurau* (Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, de 2019), a pesquisadora aponta para a potência do fazer político e estético no sentido de lutar, didática e esteticamente, assim como queria Glauber Rocha, contra o projeto avassalador do Estado que segue tentando se impor como o Um, a única força possível na atualidade. Vallias e Lamonier são exemplos de artistas que, segundo a autora, “entendem o compromisso de suas fabricações” e continuam provocando o debate das ideias e performando o sujeito que deseja fazer parte da história.

O texto de Fabíola Guimarães Pedras Mourthé, “Raul Bopp: o desejo de ouvir a voz dos negros”, aprecia uma parte da obra de Bopp relativamente desconhecida, aquela que trata da “questão dos negros” – do Brasil e também da África, para onde viajou de 1929 e 1931. Em diálogo com a fortuna crítica do escritor, a pesquisadora constata a inquietação do poeta com a situação dos negros subjugados tanto nos ensaios que ele escreveu sobre a África, quanto na poesia dedicada à temática e na carta que enviou a Jorge Amado e Carlos Echenique, que se tornou prefácio do livro de poemas *Urucungo*. Essa releitura da obra de Bopp afirma a importância do poeta para a história do Modernismo brasileiro e para a história do Brasil.

Marília Rothier Cardoso, em “Variações sobre o ‘acéfalo’ em escritas verbais e plásticas”, investiga a presença de figuras acéfalas em imagens e textos literários trazendo à discussão argumentos de artistas que se colocaram contra a noção de antropocentrismo. A autora apresenta fotografia de Brassai, pintura de Salvador Dalí, fotomontagem de Jorge de Lima, desenho de Ismael Nery, desenho de André Masson. As imagens foram colocadas em circulação por volta dos anos 1930. A partir de ideias presentes nas revistas *Acéphale* e *Documents*, editadas por Georges Bataille, a ensaísta coloca em ação um pensamento arguto e ao mesmo tempo aberto ao diálogo com conceitos contemporâneos como o de “Perspectivismo ameríndio” ativado pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro. Ao final do texto, Marília apresenta reflexões pontuais sobre produções de Murilo Mendes, Mãe Beata de Yemonjá e de Stela do Patrocínio, todas questionadoras do privilégio da denominada razão ocidental.

Em “A zoopoética de Carlos Drummond de Andrade”, Maria Esther Maciel, como uma sutil colecionadora, recolhe na obra do poeta mineiro as mais diversas criaturas não humanas, inserindo-o na linhagem dos “grandes ‘animalistas’ da moderna literatura brasileira”. Desde seu primeiro livro, ele se voltou aos bichos que compunham seu mundo prosaico, por vezes atravessando as fronteiras entre o humano e o não humano e até mesmo se identificando com estes. Na esteira de Jacques Derrida e Viveiros de Castro, Maciel lê, nos poemas de Drummond, a encenação de um outro, a incursão de uma subjetividade que perscruta e provoca o saber humano sobre a animalidade. Nessa zoopoética, ganham destaque o boi, a vaca e outras espécies animais do universo rural em que viveu o poeta, onde se perfaz uma paradoxal relação de comunidade, segundo aponta a estudiosa.

Em “‘Os modernismos não podiam mesmo durar’: uma leitura de *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho”, Rachel Esteves Lima analisa o romance de Carvalho que tem como cenário a cidade russa de São Petersburgo. Segundo a análise da pesquisadora, a narrativa pode ser classificada como romance de filiação, muito presente na literatura contemporânea, conforme apontou Dominique Viart (2008). O foco nas relações familiares e nas lacunas identitárias das personagens de *O filho da mãe* suscita uma comparação com o romance *A mãe*, de Gorki, e também com outros romances de Carvalho, que tendem a tratar dos conflitos que surgem da globalização. O microcosmo de São Petersburgo é apropriado pelo escritor para discutir questões que dizem respeito também aos brasileiros e à nossa literatura. A partir do pensamento de Silviano Santiago, Lima argumenta que a obra de Carvalho insere o Brasil “no conjunto das nações” e nos alerta para a intolerância que gera as guerras e os mais diversos problemas identitários.

Dividido em cinco partes, o texto de Sabrina Sedlmayer, “Raduan Nassar, um lírico no auge do Modernismo”, analisa a breve obra do escritor paulista sob a perspectiva do silêncio e da potência. Apoiada nos estudos filosóficos de Giorgio Agamben, Sedlmayer inicia seu ensaio problematizando, por um lado, a herança bartlebiana de Nassar e sua opção pelo abandono à literatura e, por outro, o fato de que sua obra tenha sido agraciada com inúmeros prêmios, característica de uma escrita potente, cujo sentido é resignificado a cada vez por diferentes leitores. Contemplando textos fictícios e ensaísticos do autor, tanto os consagrados quanto aqueles da juventude, a professora, num trocadilho com o título do famoso ensaio de Walter Benjamin sobre Baudelaire, localiza Raduan Nassar, com seu “silêncio tagarela”,

no auge do Modernismo, cujas palavras e ações resvalam em questões contemporâneas vividas pela sociedade brasileira.

As páginas do livro nos trazem análises, pesquisas e “ficcionalizações”. Agradecemos a todos os componentes do Núcleo de Estudos ATLAS que, de diversos modos, favoreceram a publicação deste livro. Agradecemos ao Departamento de Linguagem e Tecnologia, à Pós-graduação em Estudos de Linguagem e à Diretoria de Extensão e Apoio Comunitário do CEFET-MG. Nossos agradecimentos também aos professores e ensaístas que nos brindam com estes densos trabalhos – frutos de longos anos de estudos. Os autores nos fazem ver, por meio de seus ensaios, o lugar avançado em que se encontra a atual produção brasileira da área de Estudos Literários.

Bruna Ferraz, Claudia Maia e Roniere Menezes
Organizadores.